



## AS ESCRIVÊNCIAS EM MARYSE CONDÉ E JEFFERSON DE E O PACTO DA BRANQUITUDE NA DIÁSPORA NEGRA\*

### LAS ESCRIVENCIAS EN MARYSE CONDÉ Y JEFFERSON DE Y EL PACTO DE LA BLANQUITUD EN LA DIÁSPORA NEGRA

Alessandra Corrêa de Souza<sup>1</sup>

**Resumo:** Este texto é fruto das partilhas do grupo de pesquisa *Escrevivências de Mulheres Negras em Diáspora* e de práticas cotidianas (des)coloniais. O tema inicial é problematizar as mortes físicas e simbólicas das personagens do romance: *Eu, Tituba: bruxa negra de Salem* de Maryse Condé e do filme: *M-8 Quando a Morte Salva a Vida* de Jefferson De. Resgatar as *escrevivências* de Conceição Evaristo (2009) a partir do prisma das mulheres não brancas e de como essas estratégias são utilizadas como instrumentos de resistência na diáspora negra. Para além da literatura e o cinema, articula-se o pacto da branquitude alçado por Cida Bento (2022) para tensionar os acordos “silenciosos” entre os meios de comunicação e a segurança pública como dispositivos de manutenção de poder a partir do imagético individual e coletivo construído por membros da sociedade brasileira que possuem privilégios simbólicos e materiais. Para o estado da arte, estabeleceu-se os diálogos com o(a)s teórico(a)s: Conceição Evaristo (2009), Cida Bento (2022), Silvio Almeida (2018), Achille Mbembe [2011(2006)] e outros como estratégias metodológicas de fissura a essa narrativa eurocêntrica que vem sendo imposta como única “verdade” no imaginário social da sociedade brasileira.

**Palavras-chave:** Necropolítica. *Escrevivências*. O Pacto da Branquitude. Racismo Estrutural.

**Resumen:** Este texto es fruto de los cambios y aprendizajes del grupo de investigación *Escrevivencias*<sup>2</sup> de Mujeres Negras en Diáspora y de prácticas cotidianas (des)coloniales. El tema inicial es problematizar las muertes físicas y simbólicas de los personajes de la novela: *Eu, Tituba: bruxa negra de Salem* de Maryse Condé y de la película: *M-8 Cuando la Muerte Salva la Vida* de Jefferson De. Rescatar las *escrevivencias* de Conceição Evaristo (2009) a partir de la perspectiva de mujeres no blancas y de cómo esas estrategias son utilizadas como herramienta de resistencia en la diáspora negra. Además de la literatura y el cine, se articula el pacto de la blanquitud de Cida Bento (2022) para tensionar los acuerdos “silenciosos” entre los medios de comunicación y la seguridad pública como dispositivos de mantenimiento de poder a partir del retrato individual y colectivo construido por miembros de la sociedad brasileña que poseen privilegios simbólicos y materiales. Para el estado de arte, se delimita diálogo con: Conceição Evaristo (2009), Cida Bento (2022), Silvio Almeida (2018), Achille Mbembe [2011(2006)] y otros como estrategias metodológicas de grieta a esa narrativa eurocéntrica que viene siendo impuesta como única “verdad” en el imaginario social de la sociedad brasileira.

**Palabras clave:** Necropolítica. (Escre)vivencias. El Pacto de la Blanquitud. Racismo Estructural.

<sup>1</sup> Professora de Literaturas Hispânicas e Afro-brasileira do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professora de Literatura Afro-latino-americana no PPGL – UFS. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4691-8592>.

<sup>2</sup> Escre(vivencias) es una terminología brasileña de Conceição Evaristo, que es la escrita a partir de nuestras experiencias personales como mujeres negras en diáspora.

\* Artigo recebido em 15 de agosto de 2022. Aceito para publicação em 02 de novembro de 2022.

A proposta deste diálogo é contribuir para o protagonismo negro nas artes cênicas e literárias, assim como problematizar como as mortes físicas e simbólicas das pessoas negras são representadas em *Eu, Tituba: Bruxa Negra de Salem* de Maryse Condé e em *M8 Quando a Morte salva a vida* de Jefferson. Tencionar com os meios midiáticos e de segurança pública utilizam dispositivos imagéticos para naturalizar opressões e seguir ocupando lugares de privilégios na sociedade a partir do pacto narcísico da branquitude. Em especial, no filme e no romance há diversos exemplos desses lugares “essencialistas” que os grupos não-brancos ocupam na sociedade e como a psique da branquitude é alimentada diariamente para a manutenção de seus privilégios simbólicos e materiais. Para tal análise, propõe-se três seções, a saber: a história única e a construção de estereótipos, os efeitos da história única na segurança pública e, finalmente, a desconstrução ou descolonização da história única no cinema e na literatura

### **A história única e a construção de estereótipos**

A história única vem sendo disseminada em nosso inconsciente através dos meios de comunicação por filmes, séries, anúncios e propagandas; na escola, os instrumentos utilizados são: os livros didáticos, os textos literários, os paradidáticos. Na universidade, o pacto narcísico da branquitude segue orquestrado pelos rizomas: família, religião e escola. Com o advento das políticas afirmativas de reparação histórica às populações pretas, pobres e periféricas conseguiram um pequeno avanço nas instituições legitimadas pela branquitude. No entanto, ainda há muitas resistências por partes das pessoas que afirmam que são antirracistas e aliadas apenas para cumprirem protocolos e acordos ‘invisíveis’.

É necessário discorrer o conceito do pacto narcísico de Cida Bento (2022), este traz uma perspectiva muito importante para o texto em voga. A pesquisadora e psicóloga, a partir de suas experiências profissionais em recursos humanos, observou o pacto narcísico presente nos acordos invisíveis por parte de empresas de alto nível, que sempre naturalizam as contratações de um único paradigma de profissionais para as corporações de grande porte. Pessoas que em sua maioria, são homens brancos, e que as vagas de menores salários são sempre destinadas aos demais grupos étnicos, estes que não possuem privilégios simbólicos e materiais. E que estes acordos não são verbalizados diretamente, apenas se estabelecem às vagas e o determinante para além do currículo profissional, o candidato precisa possuir alguns atributos para a vaga de destaque em uma empresa ou corporação.

Assim vem sendo construída a história de instituições e da sociedade onde a presença e a contribuição negras se tornam invisibilizadas. As instituições públicas, privadas e da sociedade civil definem,

regulamentam e transmitem um modo de funcionamento que torna homogêneo e uniforme não só processos, ferramentas, sistema de valores, mas também o perfil de seus empregados e lideranças, majoritariamente masculino e branco. Essa transmissão atravessa gerações e altera pouco a hierarquia das relações de dominação ali incrustadas. Esse fenômeno tem um nome, branquitude, e sua perpetuação no tempo se deve a um pacto de cumplicidade não verbalizado entre pessoas brancas, que visa manter seus privilégios. E claro que elas competem entre si, mas é uma competição entre segmentos que se consideram “iguais”.

Esse pacto da branquitude possui um componente narcísico, de auto-preservação, como se o “diferente” ameaçasse o “normal”, o “universal”. Esse sentimento de ameaça e medo está na essência do preconceito, da representação que é feita do outro e da forma como reagimos a ele. Tal fenômeno evidencia a urgência de incidir na relação de dominação de raça e gênero que ocorre nas organizações, cercada de silêncio. Nesse processo, é fundamental reconhecer, explicitar e transformar alianças e acordos não verbalizados que acabam por atender a interesses grupais, e que mostram uma das características do pacto narcísico da branquitude (BENTO, 2022, p. 17-18).

No decorrer das análises veremos com exemplos muito pertinentes como esse pacto narcísico funciona nas universidades, escolas, filmes, textos literários, nos meios de comunicação e na segurança pública.

Nessa mesma perspectiva, se fizermos uma pesquisa entre os estudantes de um semestre em uma universidade pública de nosso país e perguntá-los, se eles conhecem personagens históricas, autoras, intelectuais como: Antonieta de Barros, Aqualtune, Beatriz Nascimento, Carolina Maria de Jesus, Dandara dos Palmares, Esperança Garcia, Eva Maria do Bonsucesso, Laudelina de Campos, Lélia González Luísa Mahin, Mariana Crioula, Maria Felipa, Maria Firmina dos Reis, Sueli Carneiro, Tereza de Benguela, Tia Ciata, Zacimba Gabas, as respostas são majoritariamente: desconhecem, nunca ouviram falar, ou no máximo, acadêmicas racializadas como não-brancas responderão que já ouviram duas ou três em alguma disciplina específica, em um atividade de extensão, pesquisa ou curso. Como conteúdo obrigatório nos ementários das disciplinas, são raríssimos, os casos de profissionais comprometidos com a educação pluridiversa.

E por que temos essas respostas ainda incipientes? É porque por mais que haja leis como a 11.645/08, 10.639/03 e a 12.711/12. Não há políticas e interesses por parte de um grupo que sempre determinou quem são os autores cânones, os que merecem compor a historiografia e a crítica literária em nossa nação. As leis em destaque não são cumpridas em boa parte das instituições da educação básica, como também nos ementários da graduação e pós-graduação, assim, se fortalece o imaginário coletivo de uma sociedade, favorecendo um grupo que possui capital simbólico e material, para além de reiterar os lugares sociais das pessoas privilegiadas que ainda acreditam no mito da meritocracia.

Não obstante, é só ler as estatísticas de desigualdades, violências, pobreza, fome e feminicídio que inferimos quem são as pessoas pertencentes a esses lugares essencialistas e a base da pirâmide social em nosso Brasil, ou seja, o silenciamento e o apagamento das histórias das pessoas negras atendem diretamente ao pacto narcísico da branquitude e as manutenções de privilégios de um pequeno grupo de nossa sociedade que detém o poder econômico, político e estatal.

### **Os efeitos da história única na segurança pública**

Atentem-se às notícias dos jornais, como também dos portais de divulgações eletrônicas de boa circulação em nosso país e façam análises de como são representadas as manchetes para as pessoas racializadas como brancas e negras.

Em uma reportagem de 2020, um traficante de animais silvestres que foi picado por um de seus animais que viviam em cativeiro em sua casa foi representado em diversos meios de comunicação como “ESTUDANTE DE MEDICINA VETERINÁRIA”, apenas pela matéria R7. Estudante de veterinária picada por naja é preso pela polícia. Estudante picado por naja exercia medicina veterinária ilegalmente, diz MP do DF. Infere-se que Pedro Henrique Santos Krambeck Lehmkul, é um jovem branco, pertencente ao grupo dos que possuem capital simbólico e material em nossa sociedade.

Se fosse um jovem negro, seria o traficante de animais silvestres e não seria nomeado como um possível “suspeito”. Estabelecendo um diálogo com a matéria do R7 com o filme M8, há um episódio que o personagem Maurício fura a bolha da branquitude e vai a uma festa de um colega de medicina em um bairro nobre na zona sul do Rio de Janeiro, há uma denúncia falsa, os policiais são acionados e a forma truculenta que os policiais abordam o personagem negro é de total desumanidade e desrespeito a um cidadão comum.

Em síntese, o personagem “policial” joga Maurício no chão, machuca-o e diz algo que ali não era o local de pessoas como Maurício, após tocar-se em sua própria pele retinta. Assim, reitera-se os espaços que não devem ser frequentados por jovens como o protagonista do filme. Sabemos que é ficção, mas ao mesmo tempo é um elemento de denúncia por parte do roteirista em problematizar os lugares essencialistas, que ainda hoje são apenas naturalizadas para os privilegiados. E nesse mesmo episódio é nítido como os jovens racializados como brancos são recepcionados pelos policiais. Estes dois exemplos, um ficcional e uma manchete do R7, apresentam faces da mesma moeda colonialista em que a psique dos agentes de segurança é naturalizada para que pessoas brancas recebam atendimentos diferenciados nas operações policiais.

Um outro caso recente em G1. Roberto Jefferson: perguntas e respostas sobre ex-deputado preso após atacar Polícia Federal com tiros e granadas. Jefferson foi muito bem acolhido pela Polícia Federal, no dia 23 de outubro de 2022, ao ponto de levar oito horas para se render e ferir três agentes da segurança pública.

No entanto, na matéria do G1. Morto sufocado por PRFs: veja a cronologia do caso Genivaldo Santos em Sergipe. Genivaldo morreu após ter sido trancado no porta-malas de uma viatura da PRF e submetido à inalação de gás lacrimogêneo. A certidão de óbito apontou asfixia e insuficiência respiratória como causas da morte. Genivaldo Santos não teve o mesmo privilégio de Jefferson, foi executado com gás lacrimogênio em uma traseira de uma viatura da Polícia Rodoviária Federal, apenas por não cumprir as ordens dos agentes de segurança pública, Santos estava desarmado, sofria de esquizofrenia e mesmo assim foi assassinado pelas mãos genocida do Estado, pois há vidas que importam, e outras que são descartáveis, em paráfrase com o ensaio *Necropolítica* de Mbembe.

Há inúmeros casos de como tem sido desenvolvido o pacto narcísico da branquitude. No UOL News foi escolhido duas matérias - Roubo de bicicleta no Leblon: homem branco é preso após acusação a jovem negro e Jovem negro acusado falsamente de furto agora é investigado por receptação. Ambos, desmascaram o pacto narcísico da branquitude. Ou seja, na zona sul do Rio de Janeiro, Mateus Ribeiro da Cruz, jovem negro foi interpelado por Mariana e Tomás, um casal branco, por conta de uma bicicleta elétrica que o mesmo utilizava, o instrutor de surfe foi acusado por ser o ladrão de sua própria bicicleta.

Ribeiro da Cruz filmou a abordagem desrespeitosa dos jovens privilegiados e fez um boletim de ocorrência denunciando o caso como racismo. Em resumo, abriu-se um inquérito policial e foi descoberto que o ladrão da bike foi Igor Martins Pinheiro, um jovem branco e os meios de comunicação mais uma vez destacaram que o ladrão da bike é branco, ou seja, mais um caso de racismo estrutural. Pois, se as mídias colocam o adjetivo branco para o verdadeiro ladrão, utiliza o adjetivo branco como uma metáfora de excepcionalidade, visto que no inconsciente coletivo do povo brasileiro, os ladrões são em sua maioria pessoas pretas e pardas, naturalizando opressões seculares.

A língua oficial cumpre um papel de poder e apenas ao nomear o ladrão com o adjetivo branco, traz a carga semântica que este caso é uma exceção, assim como abordagem policial feita ao Roberto Jefferson cumpre esse pacto narcísico da branquitude, ao ponto de quando Jefferson se rendeu, os agentes de segurança da polícia federal, pediram desculpas ao “suspeito” e reiteraram que apenas estão ali para apurar as denúncias ao nobre ex-parlamentar.

A partir dessas imbricações destacadas dos meios de comunicação com a segurança pública, levanta-se um convite para ações antirracistas, faça o mesmo

exercício crítico com as matérias jornalísticas que apresentam estudantes de medicina, como usuários de drogas, mesmo que carregam toneladas de drogas ilícitas, eles são moradores de áreas nobres, brancos, homens e sem antecedentes criminais, logo são classificados como possíveis “usuários” ou “suspeitos”.

Em contrapartida, se um morador de um espaço popular, não-branco, homem e sem nível superior. Este é um “suspeito em potencial”, ou nomeado como **traficante**, independentemente de possuir antecedentes criminais ou não. Nestes recortes, observa-se como os dispositivos jornalísticos e policiais são acionados dependendo da cor da pele e classe que as pessoas possuem, influenciando no funcionamento da segurança pública.

### A desconstrução ou descolonização da história única no cinema e na literatura

Os objetivos deste trabalho têm como ponto de partida quatro perguntas retóricas que contribuem para os encaminhamentos analíticos afros-diaspóricos.

1. No filme, *M8 Quando a Morte salva a vida* - as mortes de pessoas negras não causam protestos ou empatia por parte da sociedade brasileira?
2. Os meios de comunicação e a segurança pública seguem com o discurso único em prol de seus privilégios na sociedade brasileira?
3. Quais são os dispositivos utilizados pelos meios de comunicação no passado e no presente para naturalizar opressões seculares a grupos historicamente representados como minoritários?
4. Em *Eu: Tituba Bruxa Negra de Salem* - a narradora personagem traz a história da diáspora negra, a partir da perspectiva dos vencidos e de grupos que historicamente foram silenciados na historiografia, nos livros didáticos e romances?

Se por um lado, em *M8 - Quando a morte salva a vida* de Jeferson De, constata-se que as políticas afirmativas de cotas étnico-raciais para estudantes afrodescendentes nas universidades públicas tem sido uma estratégia de reparação histórica. Uma vez que os cursos universitários são ocupados majoritariamente por alunos privilegiados da sociedade, os filhos da burguesia brasileira; no enredo também é representado o genocídio da população negra, as relações interracialias, o racismo estrutural e institucional; as religiosidades de matrizes africanas, a violência policial contra a população negra e o protagonismo de mulheres frente as mortes de seus filhos pelo Estado Genocida.

Por outro lado, em *Eu, Tituba - Bruxa Negra de Salem* de Maryse Condé, por mais que seja um texto ficcional e diretamente relacionado com as feridas e os traumas psíquicos impostos aos afrodescendentes na diáspora negra. No filme e no romance, o genocídio da população negra ainda se faz presente, contudo, a força

e a resistência das mulheres negras transatlânticas se fazem presentes em diversos trechos dos materiais aqui destacados.

A saber, especificamente em *Eu, Tituba Bruxa Negra de Salem*, a narradora-personagem apresenta: os suicídios, os infanticídios e os assassinatos e/ou as tentativas de mortes dos senhores do engenho como instrumento de desobediência. Para além dos dispositivos de resistência utilizados contra a ordem oficial, deslegitimando-os e criando narrativas de protagonismos de seus direitos de “viver” ou morrer, as religiosidades de matrizes africanas, o poder das ancestralidades, o aborto como ferramenta de denúncia do sistema opressor, o pacto narcísico da branquitude, em destituir tudo das nações vencidas, das características físicas ao auto-ódio orquestradas por diversos personagens, inclusive os direitos de amar e serem amados na diáspora negra.

Em suma, foram observadas interseções de raça, gênero e classe entre os personagens das obras escolhidas, apesar das experiências de pessoas negras representadas nas artes serem de países diferentes. O filme brasileiro *M8 Quando a Morte salva a vida* inicia com um jovem negro dormindo e este personagem acorda assustado como se estivesse morto e boiando em uma caixa com água em um laboratório de Medicina na UFRJ.

Na mesma sequência, Maurício tem seu primeiro dia de aula em um espaço físico que rememora o seu “sonho” inicial. O que nos convida a pensar em um poder ancestral de comunicar-se com os mundos dos mortos como um *flashback* das heranças de seus ancestrais. Ou o personagem principal realmente tem o poder das comunicações advindas do orixá Exu e só foi descobrir quando iniciou suas aulas no laboratório de seu curso na graduação?

Primeira hipótese, as cenas do sonho premonitório ou “pesadelo” carrega um papel simbólico de resistência ou “salvação” a este novo estudante de medicina frente as experiências traumáticas do imaginário econômico, social e/ou cognitivo do racismo estrutural na jornada de um jovem negro em um curso que sempre pertenceu a um grupo burguês, a branquitude o branquidade. Nos estudos sobre a branquitude, quando nos referimos a branco e a negro nos referimos em termo de construção social. As pessoas são classificadas socialmente como brancas e negras, na lógica de pensamento e hierarquia racial (CARDOSO, 2014). A hierarquia que ocorre entre branco e negro, também ocorre entre branco e branco (WARE, 2004). O branco inglês se considera superior ao branco português. Neste caso, o branco inglês seria branco-branco e branco português menos branco, isso em uma comparação entre eles. Não se trata de biologia, e sim construção social-cultural-econômica, etc.

Segunda possibilidade, as mortes físicas e/ou simbólicas dialogam diretamente com o ensaio de Achille Mbembe [2011(2006)] - quais são os corpos que são autorizados a viver e aos que não têm os mesmos direitos. Inclusive, não causam

pena ou compaixão, apenas indiferenças. São somente dados nas estatísticas. Servem como inimigos do Estado e devem ser descartáveis na política de estado de exceção associados ao genocídio da população negra.

Terceira e última, Conceição Evaristo Prefácio de *Eu, Tituba. Bruxa Negra de Salem*, destaca no prefácio do livro, que “há uma convocação de espaço-tempo dos ancestrais, dos mortos, a intrometer-se, a participar da vida dos vivos. *Eu, tituba, bruxa negra de Salem*. A partir da citação se estabelece elo entre as obras aqui analisadas, ou seja, Maurício e Tituba possuem poderes espirituais de comunicações com as pessoas que os corpos físicos estão em um outro plano, ou seja uma conexão ao culto ao Egun no candomblé.

Na mesma perspectiva, há os que pertencem ao grupo dos privilegiados, os que são os racializados como brancos na sociedade brasileira, que se percebem como universais e sem raça. Silvio Almeida afirma que “o ser branco e o ser negro são construções sociais”. “Ser branco é assinar identidade aos outros e não ter identidade. É uma raça que não tem raça.”<sup>3</sup> (ALMEIDA, 2018, p. 60)

Assim como o privilégio faz de alguém branco, são as desvantagens sociais e as circunstâncias histórico-culturais, e não somente a cor de pele, que fazem de alguém negro. A cor de pele ou práticas culturais são apenas dispositivos materiais de classificação racial que fazem assinar o mecanismo de distribuição de privilégios e de desvantagens políticas, econômicas e afetivas.” (ALMEIDA, 2018, p. 60).

Ser branco é também o resultado de uma construção social que materialmente se expressa na dominação exercida por indivíduos considerados brancos ou na supremacia branca (ALMEIDA, 2018, p. 59).

Ser branco no Brasil significa assim, estar livre de qualquer parâmetro (...) ser branco é pertencer a regra” (DEVULSKY, 2021, p. 21).

Almeida (2018, p. 62) afirma que a construção de raça e racismo são conceitos relacionais. Para tal aporte, identificam-se duas perguntas feitas ao personagem professor titular do curso de Medicina pelo estudante Maurício. Observe, em *M8 quando a morte salva a vida*<sup>4</sup> - “Quantos alunos negros, o senhor já teve nessa faculdade? E quantos corpos negros, o senhor já viu seus alunos estudarem?”

Neste recorte supracitado, constata-se que os corpos negros estudados no laboratório de medicina da UFRJ sempre são os afrodescendentes, estes são desumanizados, descartáveis em prol da pesquisa acadêmica nas universidades. A representação imagética de um corpo sem identidade em que a letra M pode ser interpretada com o substantivo morte, ou seja, a “peça”, a oitava e que no próximo semestre será a nona. Mais um número que compõe os dados do genocídio da

<sup>3</sup> [RODAPÉ AUSENTE]

<sup>4</sup> O tempo discursivo da citação de *M8 Quando a morte salva a vida* é 53 minutos e 43 segundos do filme.

população negra e que contribuiu para a Ciência e para a aprendizagem da branquitude, depois será descartado na fossa pública da prefeitura da cidade.

Se retomar o passado histórico, o exemplo do filme dialoga com a história única do ocidente - no rapto das pessoas transatlânticas e na tentativa de apagar todos os seus saberes, a nível de argumentação, quando estes homens, mulheres e crianças sobreviviam todas as violências do navio negreiro e chegavam aos portos de embarque com “vida”. Os vencedores giravam essas pessoas que exerciam papéis sociais de “mercadorias para que perdessem a noção de onde vieram e os nomeavam com nomes cristãos e os batizavam para matar simbolicamente o velho homem na diáspora negra.

A nível de contribuição e partilha, o filme fez parte do plano de curso de literatura hispano-americana IV no período remoto. Ao final do debate feito pela plataforma Meet, aportaram-se contribuições excelentes sobre *M8 quando a morte salva a vida* - as observações de muitos sobre a letra M do título faz relação com M de Maurício, isso remete que há dois protagonistas: o morto, com o papel ancestral de resgatar Maurício dos problemas por ser um jovem negro em um espaço legitimado pela branquitude; outra possibilidade, o número 8 relacionado ao infinito, corpos negros sempre servem e são utilizados em um *continuum* como peças para a aprendizagem, pois nunca pessoas privilegiadas estarão nas mesmas condições dos que foram escolhidos como bodes expiatórios do eurocentrismo.

Os corpos negros são utilizados para os estudos na faculdade de medicina, não são nomeados, não possuem famílias, não passam por um funeral ou por uma passagem ritual ao mundo dos mortos. Na mesma perspectiva, Mbembe (2011, p. 20) destaca que “a soberania consiste em exercer um controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e a manifestação do poder”. A soberania consiste em exercer um controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e a manifestação do poder (tradução nossa).

A partir do conceito de necropolítica deste filósofo, entende-se que a política de morte possui um inimigo e este é o afrodescendente, como no caso do filme M-8, o morto é oitavo, e no próximo semestre será M-9, o nono e segue o pacto narcísico da branquitude.

Maurício ao mesmo tempo que ocupa o papel de personagem principal - rompe diretamente o ciclo “escravagista” e essencialista de desempenhar o papel de M-9 ou M-10 no inconsciente da psique da branquitude por intermédio de políticas públicas de ações afirmativas de cotas étnico-raciais.

O personagem morto abre os olhos na aula e somente Maurício o vê, por mais que não fale verbalmente com M8, o estudante de medicina entende que este corpo foi estudado e contribuiu para a ciência brasileira e necessita ter um ritual de enterro para recuperar sua humanidade roubada em toda sua vida como um ho-

mem negro em Diáspora. Na narrativa cinematográfica, *M8* o segue pelo corredor da UFRJ, nas ruas e por fim, aparece sentado no *Terreiro Filhos D'Ogum*, templo onde os personagens Maurício e Cida frequentam.

No filme, há um fato que está entrelaçado com o genocídio dos jovens, no caminho entre a universidade e a sua casa, Maurício passa por uma praça no centro da cidade e observa mães com cartazes com a seguinte mensagem: *onde estão os nossos filhos desaparecidos?*

O personagem Maurício infere que o personagem *M8* pode ser um dos milhares de meninos pretos que são mortos a cada 23 minutos em nosso país e que essas mães lutam por direitos de ao menos saber *onde estão os seus filhos*, que foram submetidos as políticas da necropolítica do Estado brasileiro. Ele tenta buscar informação sobre a família de *M8* no hospital Geral de Bonsucesso e infelizmente não obtém êxito em saber seu nome, família, somente sabe que o morto já chegou sem vida no hospital público.

Não obstante, Maurício tem uma ideia e com a ajuda dos personagens negros que trabalham como técnicos da UFRJ, conseguem resgatar o cadáver de *M8* da universidade e convida a todas as mães da manifestação: onde estão nossos filhos para a cerimônia fúnebre de *M8*, as mães nomeiam os filhos desaparecidos, assim *M8* pode descansar, este ato funciona como uma alegoria ou uma representação de todos os adolescentes e jovens que foram mortos pelo sistema genocida do Estado.

Cada mãe representada no filme salva a si mesma, do direito de nomear os seus filhos mortos e interpreta-se que elas escolheram ressignificar os seus traumas e dores a partir da figura de *M8*, esta catarse coletiva foi como uma cerimônia ancestral de conceder aos espíritos de seus filhos o direito de serem levados por *Oyá*<sup>5</sup> ao *Orum*<sup>6</sup>.

Cabe destacar que *Oyá*, é outro nome comum para *Iansã*, também está ligada ao mundo dos mortos. Através de um instrumento litúrgico, feito com rabo de cavalo, ela conduz a trilha que estabelece esse contato entre os que não estão mais vivos. Além disso, é esse mesmo orixá que prepara roupas especiais para os mortos, chamados de egungum. Por meio desse traje, os mortos adquirem a capacidade de voltar à Terra para entrar em contato com os seus descendentes.

Este ritual no cemitério celebra o título do filme *M8 quando a morte salva a vida*. Mesmo que seja, uma má experiência e por mais que não seja, o seu filho morto pelo estado genocida, pelo menos, elas utilizaram como ferramenta de cura, amor e respeito que lhes foram negados em suas vidas, assim eles foram amados e respeitados na passagem espiritual ritualizada pelo personagem *M8*.

<sup>5</sup> *OYÁ*, *Iansã* – Brasil Escola UOL. Disponível em: <http://brasilecola.uol.com.br>.

<sup>6</sup> *Orún* é um espaço espiritual, depois do rito de passagem.

Relacionando os nomes ocidentais mencionados pelas mães na cerimônia fúnebre feito por Maurício e outros personagens do filme como sua mãe Cida, a sacerdotisa de *Candomblé* e todas mães negras que perderam os seus filhos “desaparecidos” no Brasil nos últimos anos.

Não obstante, se em *M8* a morte salva a vida das mães nas honras fúnebres, em *Eu, Tituba: bruxa negra de Salem*, a narradora protagonista parece que é condenada a viver. Tituba e Maurício têm poderes de conexões com os seus ancestrais, estes dão conselhos e a ajuda a sobreviver no exílio imposto no romance. Já, na obra cinematográfica, o personagem Maurício só estabelece conexão com um personagem, M8.

Na mesma perspectiva, *Eu, Tituba: Bruxa Negra de Salem* (2020) - no primeiro capítulo, os nomes africanos escolhidos por Condé tem uma função de contar histórias baseadas em centralizar ÁFRICA como berço civilizatório, assim como, também descolonizar mentes frente a história única que o Ocidente insiste em representar no ensino básico como única verdade. É tanto que em *O perigo de uma única história* - Chimamanda Adichie (2019) reitera que todas as histórias são importantes, e que se mudamos a perspectiva contada, a partir dos vencidos, nossa análise é o mais próximo de como realmente os acontecimentos históricos ocorreram.

Se no filme, a mãe do personagem principal é Cida, apelido de Aparecida que nos remete a religião cristã imposta. No romance, a mãe de Tituba é Abena, que em Gana significa nascida na terça-feira. A protagonista começa a contar o enredo do romance em primeira pessoa verbal e apresenta a maneira como sua genitora ainda adolescente foi violada e que ela é fruto de uma relação de desprezo e injustiça no navio negreiro. Observemos,

Abena, minha madre foi estuprada por um marinheiro inglês na plataforma do *Chrsit the King*, em um dia 16 \*\*, quando o barco partia para Barbados. Dessa violência nasci. Desse ato de agressão e desprezo.” (CONDÉ, 2020, p. 25).

Para além dos textos literários e de obras cinematográficas aqui delineadas que utilizaram técnicas discursivas em prol do protagonismo de grupos historicamente silenciados. Em oposição aos protagonismos instaurados em *Eu, Tituba Bruxa Negra de Salem* e *M8 quando a morte salva a vida*, ainda há um desserviço nos meios de comunicação como novelas, *realities shows*, propagandas publicitárias, *outdoors*, como também na segurança pública - agem diretamente com o imaginário social para manutenção de poderes e privilégios frente ao epistemicídio e ao genocídio da população negra à luz do racismo estrutural e institucional, ou seja, os meios de comunicação e a segurança pública naturalizam violências frente aos grupos minoritarizados.

## Encaminhamentos finais

Neste texto foram feitos diálogos entre as artes: literatura e cinema, assim com um convite e/ou a reflexão, de como os dispositivos de “guerra” dos meios de comunicação e segurança pública agem na manutenção de privilégios e micropoderes. Por mais que se tenha pequenos avanços no campo político, econômico e social com publicações como *Eu, Tituba- Bruxa Negra de Salém* e exibições de *M8 quando a morte salva a vida* ainda assim, se tem um abismo enorme entre os que ocupam espaços de privilégios simbólicos e os que não usufruem de direitos básicos na sociedade brasileira. Basta descolonizar os olhares viciados pela colonialidade em todos os espaços que são ocupados.

Como profissionais da educação plural e admiradoras de todas as artes cinematográficas, leitoras assíduas de textos literários, percebeu-se o poder de transformação nas vidas das pessoas negras em diáspora.

É de suma relevância destacar o lugar de enunciação do roteirista de *M8, quando a morte salva a vida*, assim como a autora Marysé Condé, a partir de fatos reais de uma situação vivida no passado, onde o sistema privilegiou a narrativa eurocêntrica para contar a história de *Eu: Tituba, bruxa negra de Salem*. Condé como uma mulher negra escolheu uma semelhante a si para contar uma história que foi silenciada por séculos, neste ensaio ou lendo o romance se tem o privilégio de analisá-los por diversas perspectivas analíticas.

Não se vai mudar o mundo, por mais que se tenha a utopia que as histórias de todos os continentes tenham várias versões e que o racismo estrutural tenha um fim, que os afro-descendentes de diversos países, um dia possam escrever suas próprias histórias, como foram feitas por Jefferson De e Marysé Condé e que as gerações futuras não precisem contar sobre dores e traumas internalizados na psique de todos os afro-diaspóricos.

E que sobretudo, os grupos que ocupam os lugares de privilegiados realmente pratiquem ações antirracistas no cotidiano e não apenas performances para revistas, livros e ebooks como se tem observado por parte de muitas acadêmicas representadas como aliadas em pautas emergenciais de educação, saúde e moradia digna para os que mais precisam.

O tempo é circular, neste espaço foi impossível dar conta de todos os temas que o romance e o filme aportam, recomenda-se a leitura do livro *Eu, Tituba: Bruxa Negra de Salem* de Maryse Condé e assista ao *M8 Quando a morte salva a vida* de Jefferson De que está disponível no *You tube*.

Para finalizar, cremos ter respondido as perguntas apresentadas na introdução, como as mortes foram representadas no filme e no romance, a falta de empatia da sociedade brasileira frente as mortes dos afrodescendentes que isso obede-

ce a uma agenda de genocídio da população negra associados com a necropolítica, o racismo estrutural, para além dos privilégios e os silêncios do grupo que domina todos os meios de comunicação no Ocidente e que continuam usando seus micropoderes para legitimar os seus lugares de privilégios na sociedade brasileira.

Foi feito um subcapítulo que é transversal aos textos escolhidos, funcionou como um apêndice para divulgar como os meios de comunicação e os órgãos de segurança pública utilizam os seus aparatos discursivos e midiáticos em favor de manutenção de privilégios para um grupo seletivo de cidadãos.

## Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma única história**. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA, Silvio. **O que é Racismo Estrutural**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BENTO, Cida. **O Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BENTO, Silva. Maria Aparecida. **Pactos narcísicos no racismo: Branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público**. São Paulo: IP-USP, 2002. Tese (Doutorado em Psicologia).

CARDOSO, C. Lourenço. A branquitude acadêmica, a invisibilização da produção científica negra e o objetivo-fim. In: **130 anos de (des)ilusão: a farsa abolicionista em perspectiva desde olhares marginalizados**. Belo Horizonte: Editora D'Plácido, 2018, p. 295-311.

CONDÉ, Maryse. **Eu, Tituba: Bruxa Negra de Salem**, Rio de Janeiro, 2020.

DE, Jefferson. **M-8 Quando a Morte Socorre a Vida**, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/MfWfoADI84s> e <https://youtu.be/L3m3DDiXCLg> Acesso em 13 de junho de 2021.

DEVULSKY, Alessandra. **Colorismo**. São Paulo, Jandaíra, 2021.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **SCRIPTA**. Belo Horizonte. PUC-MG, v. 13(25), p. 17-31, 2009.

**G1**. Roberto Jefferson: perguntas e respostas sobre ex-deputado preso após atacar Polícia Federal com tiros e granadas. Disponível em : <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/10/28/roberto-jefferson-perguntas-e-respostas-sobre-ex-deputado-presos-atacar-policia-federal-com-tiros-e-granadas.ghtml>. Acesso em 31 de outubro de 2022.

**G1**. Morto sufocado por PRFs: veja a cronologia do caso Genivaldo Santos em Sergipe. Genivaldo morreu após ter sido trancado no porta-malas de uma viatura da PRF e submetido à inalação de gás lacrimogêneo. A certidão de óbito apontou asfixia e insuficiência respiratória como causas da morte. Disponível em: <https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2022/10/15/morto-sufocado-por-prfs-veja-a-cronologia-do-caso-genivaldo-santos-em-sergipe.ghtml>. Acesso em 31 de outubro de 2022.

MBEMBE, Achille, **Necropolitique em Traversées, diásporas, modernités, Raisons politiques**, n. 21, 2006, p. 29-60. De la traducción del francés: Elisabeth Falomir Archambault. Editorial Melusina, 2011. Impreso en España.

**Metrópoles**. Disponível em: <https://www.metrosoles.com/distrito-federal/estudante-de-veterinaria-e-picado-por-cobra-naja-no-df-e-fica-em-coma>. Acesso em 31 de outubro de 2022.

**PODER 360**. veja-fotos-de-roberto-jefferson-na-prisao. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/justica/veja-fotos-de-roberto-jefferson-na-prisao/>. Acesso em 31 de outubro de 2022.

**R7**. Estudante de veterinária picada por naja é preso pela polícia. Disponível em <https://noticias.r7.com/distrito-federal/estudante-de-veterinaria-picado-por-naja-e-presos-pela-policia-29072020?amp> . Acesso em 18 de julho de 2021.

**R7**. Estudante picado por naja exercia medicina veterinária ilegalmente, diz MP do DF. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2020/07/29/estudante-picado-por-naja-exercia-ilegalmente-medicina-veterinaria-diz-mp-do-df.ghtml>. Acesso em 31 de outubro de 2022.

**UOL News**. Roubo de bicicleta no Leblon: homem branco é preso após acusação a jovem negro. Disponível: <https://youtu.be/S0qsVDGwaXk>. Acesso em 31 de outubro de 2022.

**UOL News**. Jovem negro acusado falsamente de furto agora é investigado por receptação. Disponível: <https://youtu.be/jei4y9xhcwI>. Acesso em 31 de outubro de 2022.